

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THAYS DE FÁTIMA LECHIW

**COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NUMA ESCOLA ESPECIAL NA CIDADE DE
IRATI: UMA PROPOSTA EFICAZ**

CURITIBA

2013

THAYS DE FÁTIMA LECHIW

**COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NUMA ESCOLA ESPECIAL NA CIDADE DE
IRATI: UMA PROPOSTA EFICAZ**

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientador(a): Prof(a.) MsC. Luciene Ferreira Iahn

CURITIBA

2013

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NUMA ESCOLA ESPECIAL NA CIDADE DE IRATI: UMA PROPOSTA EFICAZ

LECHIW*, Thays de Fátima.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Palmeira/PR

RESUMO – O presente trabalho constitui-se numa proposta de intervenção na Escola José Duda Junior – Educação Infantil, Ensino Fundamental na Modalidade Educação Especial, na cidade de Irati, para um aluno, com idade de 15 anos da turma “D” do Ensino Fundamental, buscando a partir das necessidades e especificidades do aluno, o desenvolvimento de uma metodologia diferenciada que faça uso da comunicação alternativa, configurando-se como um recurso para viabilizar o processo de comunicação e a aprendizagem, uma vez que considera as características individuais, o desenvolvimento cognitivo e também aspectos sociais. Sendo assim, dentro da realidade da escola onde a proposta será implementada o computador será a ferramenta utilizada como recurso para escolha dos símbolos PCS (Picture Communication System) para posterior confecção das pranchas de comunicação, indicando possíveis caminhos que propiciem também a sistematização do conhecimento.

Palavras-chave: Comunicação Alternativa. Escola Especial. Aprendizagem

INTRODUÇÃO

O processo educacional está em constante construção e se constitui num meio de inserção do cidadão na sociedade. Sendo assim, a educação é vista como um dos principais movimentos sociais e tem a responsabilidade de promover transformações na vida das pessoas, tendo em vista a formação de cidadãos atuantes. Nesse sentido vê-se a necessidade de estar continuamente trazendo para reflexão da escola questões relacionadas à busca de uma sociedade mais justa e democrática, através de ações que perpassem as práticas escolares e favoreçam a participação da família e membros da comunidade no processo educativo.

A comunicação está presente na vida do ser humano mesmo antes do seu nascimento. Ainda dentro da barriga, o bebê já é capaz de responder a sons e sensações, vivenciadas pela mãe. Considerada como uma das capacidades mais importantes do ser humano, a ausência da comunicação certamente acarretará prejuízos marcantes na vida do indivíduo.

A escola, espaço de conhecimento, pesquisa, formação da consciência e participação deve favorecer a construção do conhecimento e o progresso na aprendizagem dos alunos. Daí a importância de utilizar diferentes recursos como estratégia de ação na educação especial, com o intuito de estimular e desenvolver aspectos cognitivos através da comunicação alternativa.

A comunicação alternativa desenvolve recursos para que o processo de comunicação se efetive, favorecendo a interação social e o processo de inclusão, como agente facilitador, para possibilitar aos indivíduos não falantes o desenvolvimento de uma fala funcional e com isso promover maior interação entre as pessoas. É indicada quando o indivíduo não possui uma fala funcional ou quando há uma perda temporária. Pode ser utilizada com indivíduos de qualquer idade, com diferentes deficiências, facilitando o desenvolvimento da comunicação, principalmente em indivíduos com paralisia cerebral.

Os alunos com deficiência precisam de recursos e procedimentos que permitam a eles efetiva participação nas atividades pedagógicas propostas e os professores necessitam de instrumentos para ensinar, acompanhar e avaliar o aprendizado de seus alunos.

Nesse sentido, cabe à escola, garantir a aprendizagem de conhecimento, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo. Estas aprendizagens

devem constituir-se em instrumentos para que o aluno compreenda melhor a realidade que o cerca, favorecendo a sua participação em relações sociais cada vez mais amplas.

A escola, portanto, tem o compromisso de ir além da simples transmissão do conhecimento sistematizado, preocupando-se em dotar o aluno da capacidade de buscar informações de acordo com as necessidades de desenvolvimento individual e social.

As tecnologias vêm se tornando, de forma crescente, importantes instrumentos de nossa cultura tornando-se um recurso utilizado na inclusão e integração de pessoas com deficiência e assumem papel fundamental à medida que contribuem para uma mudança significativa no contexto da escola, onde o aluno é atendido nas suas necessidades, enquanto o professor reconhece e valoriza suas capacidades.

A pessoa com deficiência pode apresentar desenvolvimento significativo mediante o uso de recursos tecnológicos e técnicas que favoreçam sua interação com o outro e com o mundo.

O professor deve oferecer possibilidades ao aluno, incluindo-o em ambientes que favoreçam a aprendizagem e oportunizem maior interação e expressão.

Para que isso aconteça se faz necessário o professor aprimorar a sua ação mediadora, garantindo a incorporação de conteúdos, na tentativa de que o aluno se aproprie do conhecimento, utilizando as mídias como ferramentas a seu serviço.

Nesse sentido, a introdução da tecnologia no processo de comunicação contribui de forma decisiva para o aumento da integração das pessoas não-falantes, tornando-as mais independentes e ampliando as possibilidades de desenvolvimento de seu potencial cognitivo e de suas relações.

REVISÃO DE LITERATURA

1. História da Educação Especial no Brasil

A evolução dos serviços de educação especial caminhou de uma fase inicial, eminentemente assistencial, visando apenas ao bem-estar da pessoa com deficiência para uma segunda, em que foram priorizados os aspectos médico e

psicológico. Em seguida, chegou às instituições de educação escolar e, depois, à integração da educação especial no sistema geral de ensino. Atualmente, busca-se a consolidação da proposta de inclusão de alunos com deficiência nas salas de aula do ensino regular.

2. Legislação

A educação inclusiva configura-se como um dos grandes desafios do século XXI, mas vem escrevendo a sua história através de uma longa trajetória de conquistas.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948, no seu artigo 26º “toda pessoa tem direito à educação”.

A Constituição Brasileira de 1988, no capítulo III, seção I, artigo 208 descreve sobre o dever do Estado com a educação, e no inciso III garante “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Mais tarde, em 1994, com a Declaração de Salamanca, foi reafirmado o compromisso com a “Educação para Todos”, assegurando a educação de pessoas com deficiência no sistema educacional.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases Nacional (Lei Nº 9394) estabelece em seu artigo 4º, inciso III “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

A Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, vem, ainda que de forma paulatina, promovendo a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, através de programas que atenda às necessidades dos alunos e professores. (Portal de Ajudas Técnicas, 2006)

Para Mantoan, em entrevista à Revista Nova Escola (2005) a inclusão “é a nossa capacidade de reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”

Por isso a necessidade de desenvolver um trabalho diferenciado que considere as especificidades do aluno e que oportunize a sua participação e interação social.

3. Linguagem e Comunicação

A comunicação é caracterizada pela troca de informações entre as pessoas, mas não é exclusiva do ser humano, uma vez que existe a comunicação também entre pessoa/animal, e animais entre si. Esta comunicação pode ser através do tato, do olhar, de expressões faciais, entre outros.

Quando esta troca de informações acontece de forma mais complexa e abstrata, utilizando símbolos onde ambos conhecem, passa a ser denominada linguagem. No entanto, a linguagem não é exclusivamente oral. Ela pode ser constituída por gestos, como a linguagem de sinais das pessoas surdas, ou por representação física (linguagem escrita).

Segundo Pelosi (2000), estudos apontam que no Brasil menos de 1% da população geral, ou seja, milhões de pessoas apresentam dificuldades de comunicação severa, devido a danos neurológicos, emocionais ou cognitivos causados por paralisia cerebral, retardo mental, autismo, surdez e outros.

Ainda, conforme Pelosi (2000), a comunicação é imprescindível para a integração social do indivíduo. O ser humano é caracterizado pela fala acompanhada de seus gestos, expressões faciais e corporais. A comunicação é utilizada para que as pessoas possam interagir suas comunidades e culturas, formando assim os laços sociais. É através das sensações, como: ouvir, olhar, cheirar, experimentar e sentir que as pessoas recebem e transmitem as informações.

Na Educação Especial há muitos alunos que apresentam severos distúrbios na comunicação, mas que possuem boa compreensão e aspectos cognitivos preservados. Esse aumento no número de alunos se deve ao processo de educação inclusiva, que possibilitou maior acesso desses alunos às escolas comuns.

Nesse sentido, a escola precisa buscar novas propostas de intervenção, visando à efetivação do processo de ensino/aprendizagem com métodos diferenciados que considerem as características clínicas e pessoais.

4. Equipe Multidisciplinar (Escola x Família)

Vários autores relatam sobre a importância de diagnosticar a paralisia cerebral precocemente e por uma equipe multidisciplinar.

O trabalho da equipe multidisciplinar em parceria com a família é de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno, pois ambas auxiliam no processo de construção da linguagem. A equipe multiprofissional orienta a família, define e adapta os recursos facilitadores e os conteúdos, bem como a temporalidade para realização dos mesmos. A família segue as orientações de forma a auxiliar o desenvolvimento.

5. Deficiência Física Neuromotora

Encontra-se na legislação brasileira, no Decreto nº 3.298 de 1999 o conceito de deficiência, conforme o Art. 3...: - Para os efeitos deste Decreto, considera-se: Inciso I – “Deficiência – toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”; Art. 4...: - Considera-se pessoa com deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias: Inciso I – “Deficiência Física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções”; Inciso IV – “Deficiência Mental – funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas”.

Segundo o Ministério da Educação (2002, p.08), no anexo I da Semana Pedagógica de fevereiro de 2012, deficiência física é:

“uma variedade bastante ampla de condições orgânicas que, de alguma forma, alteram o funcionamento normal do aparelho locomotor, comprometendo a movimentação e a deambulação. Deve-se considerar que

as alterações podem ocorrer em vários níveis: ósseo, articular, muscular e nervoso. Dentro desta classificação, incluem-se não só as alterações anatômicas, mas também as alterações fisiológicas do aparelho locomotor”.

Ainda, segundo o mesmo anexo, consta que foi a partir do ano de 2004, que houve o acréscimo do termo neuromotora, “que se reporta às deficiências ocasionadas por lesões nos centros e vias nervosas, que comandam os músculos. Podem ser causadas por infecções ou por lesões ocorridas em qualquer fase da vida da pessoa ou, por uma degeneração neuromuscular, cujas manifestações exteriores consistem em fraqueza muscular, paralisia ou falta de coordenação”. (BRASIL, 2002 p.08)

A Paralisia Cerebral é a causa mais comum de deficiência física e é descrita por Bobath (1969, p.11) como:

(...) o resultado de uma lesão ou mau desenvolvimento do cérebro de caráter não progressivo e existindo desde a infância. A deficiência motora se expressa em padrões anormais de postura e movimentos, associados com um tônus postural anormal. A lesão que atinge o cérebro quando ainda é imaturo interfere com o desenvolvimento motor normal da criança.

Segundo Leite e Prado (2004), a paralisia cerebral pode ser causada por fatores pré, peri e pós natais, e as mais comuns são: desenvolvimento congênito anormal do cérebro, particularmente do cerebelo; anóxia cerebral perinatal, especialmente quando associada com prematuridade; lesão traumática do cérebro, no nascimento, geralmente decorrente de trabalho de parto demorado, ou uso inadequado de fórceps; eritroblastose por incompatibilidade Rh; infecções cerebrais (encefalite) na fase inicial do período pós-natal.

A classificação da paralisia cerebral, segundo Rocha (2003 apud Bobath, 1990), é baseada no grau e no tipo do tônus, e apresenta-se em quatro modalidades:

a) hipertônico: é o tipo de tônus mais frequente na paralisia cerebral, correspondendo em até 75% dos casos. A criança com espasticidade (resistência no músculo) apresenta tensão exagerada em certas posturas, ocasionando deformidades e contraturas.

b) hipotônica: baixo tônus, a criança apresenta tronco e membros “molinhas”, problemas respiratórios e na alimentação.

c) extrapiramidal: é o segundo tipo mais comum de paralisia cerebral. Apresentação de movimentos involuntários, classificados como: atetóide, coreico e distônico.

d) atáxico: forma pura de paralisia cerebral e raramente encontrada. Apresenta movimentos incoordenados e bruscos, e presença de tremor.

Ainda, de acordo com Rocha (2003 apud BOBATH 1990, BRAGA 1995 e FINNIE 2000), o tipo de alteração do movimento que a criança com paralisia cerebral apresenta, é classificado em:

a) diplegia: onde afeta mais os membros inferiores que os superiores. Apresenta controle da cabeça e da fala.

b) quadriplegia: todo corpo comprometido e deficiência no controle da cabeça, da fala e da coordenação ocular.

c) hemiplegia: somente um dos lados do corpo é comprometido e geralmente é hipertônica.

d) monoplegia: um membro é comprometido.

6. Comunicação Alternativa (Tecnologia Assistiva)

A introdução da tecnologia no processo de comunicação contribui de forma decisiva para o aumento da interação social das pessoas com deficiência. Estas interações com o mundo e seus pares através das experiências vividas influenciam no processo de aprendizagem.

No contexto escolar, pessoas com deficiência física neuromotora apresentam algumas limitações que se apresentam como barreiras para a interação e o aprendizado. A tecnologia assistiva caracteriza-se então como um recurso de possibilidades dentro da sala de aula.

Segundo, o texto do grupo de estudos da Secretaria de Estado da Educação, (2009 p. 04) a tecnologia assistiva é “toda e qualquer ferramenta ou recurso utilizado com a finalidade de proporcionar uma maior independência e autonomia à pessoa portadora de deficiência”. Pode ser dividida em várias áreas, dentre elas: Comunicação Suplementar e/ou Alternativa, Auxílio para vida diária, acessórios para o computador, sistemas de controle de ambientes, modificações em

casas e ambientes, órteses e próteses, adaptações para automóveis, para sentar e posicionar, auxílio para mobilidade e auxílio para deficientes visuais e auditivos.

Consta, ainda, que existem diversas terminologias que são utilizadas para designar a comunicação alternativa:

- alternative and augmentative communication (AAC)
- Comunicação alternativa e aumentativa (CAA)
- Comunicação alternativa e ampliada; Comunicação alternativa e facilitadora;
- Comunicação alternativa e suplementar ou Comunicação suplementar e alternativa (CSA).

Por comunicação alternativa entende-se:

[...] “qualquer forma de comunicação diferente da fala e usada por um indivíduo em contextos de comunicação frente a frente. Os signos gestuais e gráficos, o código Morse, a escrita, etc., são formas alternativas de comunicação para indivíduos que carecem da capacidade de falar” (VON TETZCHNER, S.; MARTINSEN, H., 2000, p. 22)

No contexto deste trabalho, onde o aluno não apresenta oralidade, utilizaremos a comunicação alternativa como meio alternativo de comunicação e de acesso a outras formas expressivas e de aprendizagem.

Para auxiliar o desenvolvimento de uma comunicação, Segundo Pelosi (2005) existem vários tipos de símbolos, recursos, estratégias e técnicas.

Para a American Speech-Language-Hearing Association (ASHA, 1989 In Capovilla, 1997, p.31), comunicação alternativa “É uma área da prática clínica que tenta compensar de modo temporário, ou permanente padrões de incapacidades ou de perturbações exibidos por pessoas com severos distúrbios de comunicação expressiva, da fala ou descrita.”

Na comunicação alternativa o sistema a ser utilizado, através da definição do símbolo, recurso, estratégia ou técnica, é analisado de acordo com as necessidades do usuário.

O texto do grupo de estudos da Secretaria de Estado da Educação, (2008) define que os símbolos são as representações visuais, auditivas ou táteis de um conceito, como: objetos, fala, gestos, linguagem de sinais, fotografias, desenhos e a escrita. Os símbolos de baixa tecnologia são:

“* Objetos reais - podem ser iguais ao que estão representando ou similares, onde há variações quanto ao tamanho, cor ou outra característica.

* Miniaturas – selecionados com cuidado para que possam ser utilizadas como recursos de comunicação. Devem ser consideradas as possibilidades visuais e intelectuais dos usuários, na sua utilização.

* Objetos parciais - em situações onde os objetos a serem representados são muito grandes, a utilização de parte do objeto pode ser muito apropriada.

* Fotografias - podem ser utilizadas para representar objetos, pessoas, ações, lugares ou atividades. Nas escolas, muitas vezes, são utilizados recortes de revistas ou embalagens de produtos.

* Símbolos gráficos – há uma série de símbolos gráficos que foram desenvolvidos para facilitar a comunicação de pessoas com necessidades educativas especiais. Alguns deles são o *Picture Communication Symbols (PCS)*, o *Rebus Symbols*, o *Picsyms*, o *Pictogram Ideogram Communication Symbols (PIC)*, o *Blissyymbolics*, o *COMPIC*, o *Self Talk*, o *Pick ‘N Stick*, o *Brady-Dobson Alternative Communication (B-DAC)*, o *Talking Pictures I, II e III*, o *Oakland Schools Picture Dictionary* entre outros (Beukelman & Mirenda, 1995)”.

De acordo com Pelosi (2005 apud ROSELL & BASIL, 1998), os símbolos são utilizados para representar mensagens que podem necessitar ou não de recursos externos. Quando o aluno utiliza apenas seu corpo para se comunicar, como gestos, sinais manuais, vocalizações e expressões faciais, o sistema simbólico não necessita de recursos externos. Porém quando, o sistema simbólico precisa de recursos externos para que o aluno expresse suas mensagens é necessária a utilização de instrumentos e equipamentos.

Ainda, segundo Pelosi (2005 apud GILL,1997) os recursos: prancha de comunicação, os comunicadores e computadores são objetos e/ou equipamentos para transmitir as mensagens; as estratégias são o modo de utilização dos recursos da comunicação alternativa; e as técnicas são formas de transmissão da mensagem.

Segundo o texto do grupo de estudos da Secretaria de Estado da Educação (2008), os recursos “são os objetos ou equipamentos utilizados para transmitir as mensagens”, e podem ser de baixa tecnologia: objetos reais, objetos em miniatura, objetos parciais, símbolos representativos, sistemas gráficos e os quadros de

comunicação, ou de alta tecnologia são os comunicadores e os computadores. Dentre eles:

* Pranchas de comunicação - construídas com simbologia gráfica (desenhos representativos de idéias), letras, sílabas, palavras, frases ou números e podem ser soltas ou agrupadas em álbuns ou cadernos. Devem ser personalizadas para atender as especificidades do usuário, sejam elas cognitiva, visual e motora. Dependendo da sua condição motora, o aluno vai olhar, apontar ou ter a informação apontada pelo seu interlocutor.

* *Eye-gaze* - são pranchas de apontar com os olhos, confeccionadas em formato de ferradura (“U” ao contrário) e dispostas sobre a mesa ou em suporte de acrílico ou plástico colocado na vertical. O aluno pode fazer uso apontando com auxílio de uma lanterna com foco convergente, fixada ao lado de sua cabeça, de forma a iluminando a resposta desejada.

* Avental – utilizado pelo professor, geralmente confeccionado em tecido que facilita a fixação de símbolos ou letras com velcro, onde o interlocutor prende as letras ou as palavras e o aluno responde através do olhar.

* Comunicador em forma de relógio - possibilita ao aluno dar sua resposta com autonomia, mesmo que tenha uma dificuldade motora severa. Seu funcionamento é semelhante ao do relógio, porém o aluno comanda o movimento do ponteiro apertando um botão. Os números do relógio podem ser substituídos por símbolos, letras, palavras ou frases. O comunicador e o acionador de pressão podem ser confeccionados artesanalmente.

* Comunicadores com voz gravada – as mensagens podem ser gravadas pelo professor e representar o significado do símbolo, o nome das letras, as sílabas, palavras ou frases. Serve como um reforço auditivo e pode ser acessado através do toque.

* Comunicadores com voz sintetizada – onde o texto é transformado eletronicamente em voz.

* Computadores

Pelosi (2005) define as técnicas de seleção, como a forma que o usuário escolhe os símbolos no seu recurso de comunicação. As técnicas podem ser:

* Seleção direta – é o método mais rápido e pode ser feito através do apontar do dedo ou outra parte do corpo, com uma ponteira de cabeça ou com uma luz fixada à cabeça

* Técnica de seleção pelo olhar – é a mais eficiente para alunos com graves problemas físicos

* Técnica de varredura - é necessário que o indivíduo tenha uma resposta voluntária consistente como piscar os olhos, balançar a cabeça, sorrir ou emitir um som para que possa sinalizar sua resposta. O aluno vai precisar de um facilitador (professor, colega de classe, auxiliar da turma) para apontar os símbolos. A varredura pode ser processada de forma linear, circular, de linhas e colunas ou grupos.

* Técnica da codificação – possibilita uma variedade de significados a partir de um número limitado de símbolos e o aumento da velocidade, sendo muito útil para alunos com dificuldades motoras graves, porém, exige maior grau de abstração.

Para que o processo seja efetivado em sua totalidade, Nunes (2003) destaca que além da acessibilidade e disponibilidade aos recursos comunicativos, é primordial a presença de pessoas interessadas em interagir com estes indivíduos não falantes, para que assim ocorra comunicação entre ambos e possam ser compreendidas suas mensagens. É muito importante a aceitação e o incentivo ao uso dos recursos alternativos de comunicação, até mesmo pelo próprio grupo social, proporcionando assim, uma utilização natural por todos os envolvidos, indivíduo não falante e os potenciais interlocutores.

Oferecer possibilidades de interação, e ambientes favoráveis para a aprendizagem onde o aluno seja capaz de expressar desejos, sentimentos, conhecimentos e habilidades certamente é uma forma de minimizar suas limitações e propiciar a socialização, integração e aceitação na sociedade.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como estudo de caso e constitui-se numa proposta de intervenção na Escola José Duda Junior – Educação Infantil, Ensino Fundamental na Modalidade Educação Especial, na cidade de Irati, para um aluno, com idade de 15 anos da turma “D” do Ensino Fundamental.

Aborda a importância da utilização do recurso pedagógico adaptado em sala de aula, mediante ações planejadas através de pesquisa bibliográfica e do computador, ferramenta utilizada como recurso para escolha dos símbolos PCS (*Picture Communication System*) para posterior confecção das pranchas de comunicação.

O referido aluno apresenta quadro de paralisia cerebral espástica e faz uso de cadeira de rodas, necessitando de auxílio dos outros para se locomover. Não apresenta movimento de membros superiores, tem dificuldade de controle de cabeça e sialorréia. No entanto, apresenta leve movimento de membros inferiores e expressão facial (sorriso e descontentamento).

Quanto aos aspectos cognitivos, apresenta um déficit significativo à sua idade, mas com capacidade suficiente de comunicação através de meios alternativos. Tem aspectos sensoriais (visual e auditivo) preservados e boa memória visual dos símbolos apresentados.

A partir da confecção das pranchas de comunicação de baixa tecnologia, buscou-se a partir das necessidades e especificidades do aluno (considerando suas possibilidades cognitivas, visuais e motoras), o desenvolvimento de uma metodologia diferenciada com o uso da comunicação alternativa, indicando assim possíveis caminhos que propiciem também a sistematização do conhecimento em todos os ambientes que ele venha a frequentar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Mediante os avanços tecnológicos, o uso do computador vem sendo utilizado a fim de proporcionar aos usuários maiores possibilidades de comunicação.

No entanto, o computador não é uma ferramenta acessível a todos devido ao seu alto custo. Por isso, a implementação de recursos de baixa tecnologia configura-se como meio alternativo, porém para pessoas com graves limitações motoras, observa-se a desvantagem de necessitar da mediação de terceiros.

Após conversa com equipe multidisciplinar da escola, optou-se pela implantação do recurso de baixa tecnologia (pranchas de comunicação), por ser de baixo custo, pela facilidade de confeccioná-la e modificá-la mediante as

necessidades, e diante das limitações motoras apresentadas pelo aluno optou-se pela técnica de “varredura”, realizada pela professora, apontando com o dedo indicador da esquerda para a direita na horizontal.

A seleção é feita pelo aluno através do movimento com os pés (pedalar) para afirmação e da expressão facial (descontentamento) para negação.

Os símbolos escolhidos foram os do PCS (*Picture Communication System*), impressos, emplastificados e colador com velcro em pranchas de E.V.A (material emborrachado).

As pranchas foram divididas em três categorias para melhor organização do trabalho a ser realizado em sala de aula.

- Prancha individual (conforme imagem abaixo): material individual (habilidades/necessidades do sujeito), como por exemplo: água, calor, frio, dor, coçar, banheiro. Fixada na parede ao lado do aluno.

Figura1: Prancha Individual

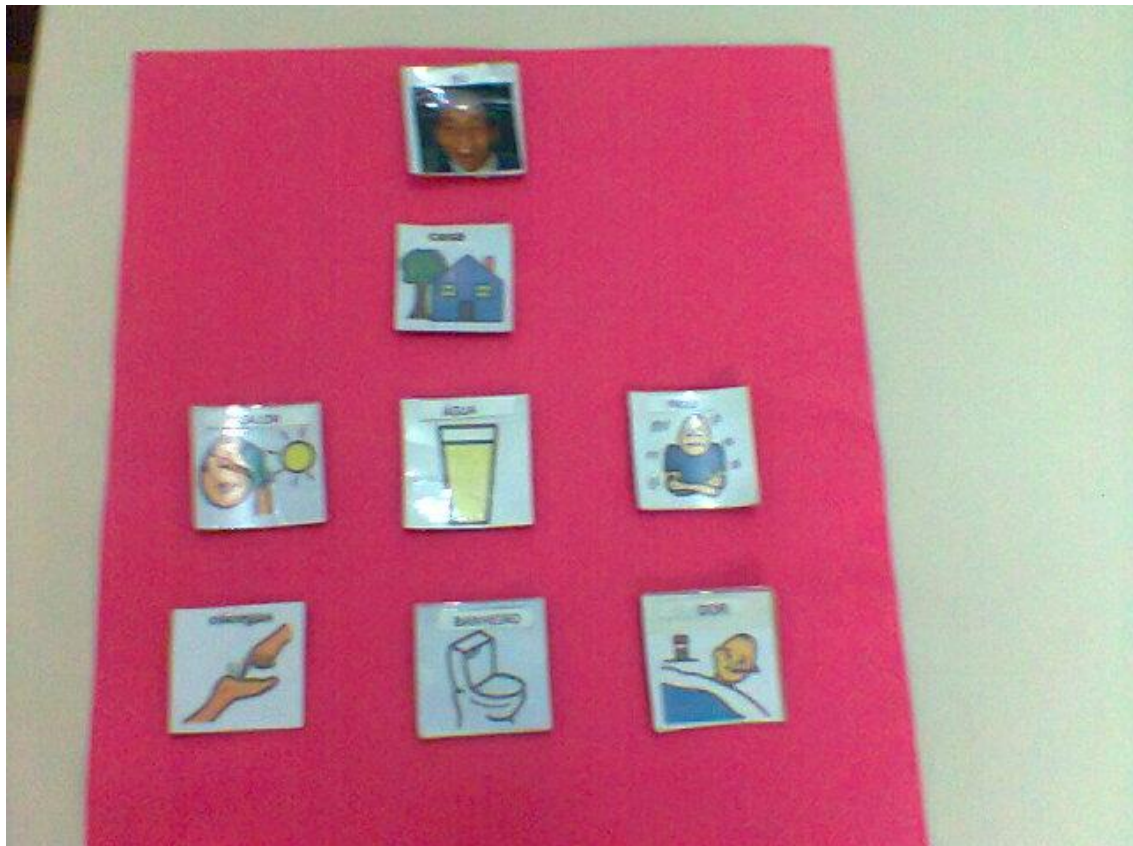


Figura 2: Aluno fazendo utilização da prancha individual



Prancha de rotina (conforme imagem 3): permite que o sujeito participe da organização (utilização de murais em sala de aula), como por exemplo, a rotina do dia: chegada na sala, calendário, atividade de matemática, aula de educação física, lanche, troca, saída. Fixada no quadro, ou na mesa à frente do aluno.

Figura 3: Prancha de rotina



Símbolos: chegada – calendário – atividade - aula de arte – lanche – troca – informática – saída.

Prancha temática (conforme imagens 4, 5,6 e 7): (assuntos específicos: cores, animais, alimentos, entre outros). Prancha móvel, utilizada de acordo com o conteúdo do dia.

Figura 4: prancha temática cores



Figura 5: prancha temática animais

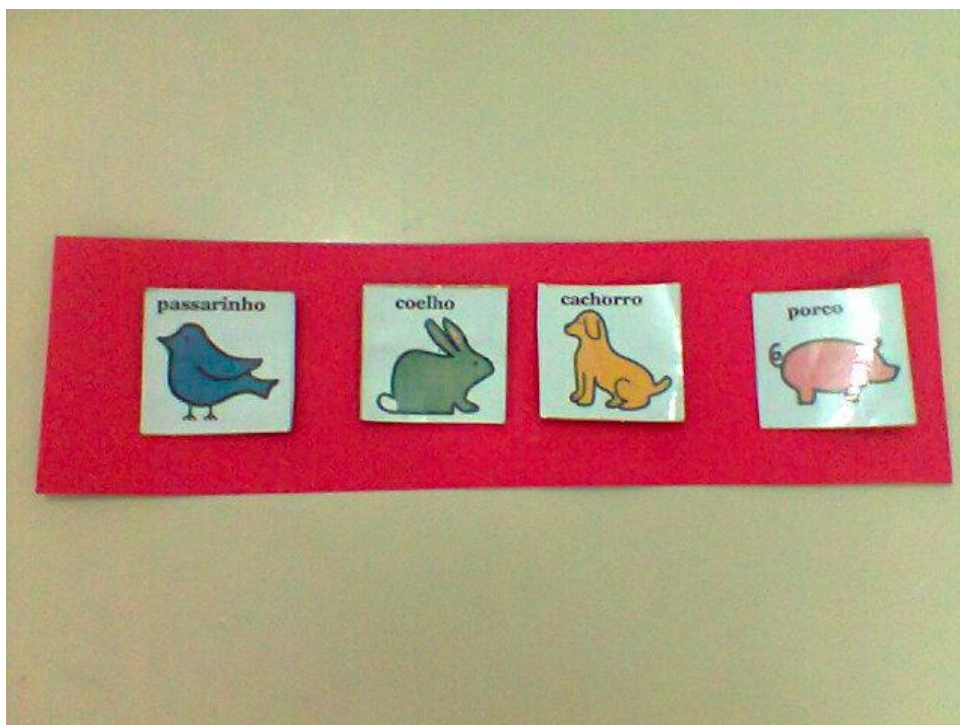


Figura 6: prancha temática vogais



Figura 7: prancha temática parque



O trabalho inicial consistiu na identificação dos símbolos pelo aluno e pela escolha (seleção) entre duas opções mediadas pela professora. À medida que os

símbolos foram sendo identificados e o aluno percebeu a importância e o objetivo da utilização dos mesmos, aos poucos, foram sendo transferidos para as pranchas.

A primeira prancha a ser confeccionada foi a individual, pois a partir dela o aluno poderia expressar seus desejos e necessidades. As pranchas temáticas foram imprescindíveis para o trabalho pedagógico em sala de aula, pois apesar de ser um recurso com finalidade de proporcionar a comunicação do aluno, tornou-se uma ferramenta para a professora poder verificar a aprendizagem e a apropriação dos conteúdos apresentados.

Também se fez necessário um trabalho de orientação à família e demais pessoas do convívio quanto ao uso do sistema de comunicação, que passou a ser utilizado também em casa, para escolha do vestuário do aluno.

Neste trabalho foi possível verificar a satisfação e a efetivação da interação social do aluno através da utilização da comunicação alternativa, bem como a necessidade do professor proporcionar diferentes situações comunicativas com os demais. O professor/interlocutor deve compreender que os símbolos contidos nas pranchas são o meio que o usuário dispõe para se comunicar, e expressar o que deseja, e este trabalho demanda paciência e compreensão.

Figura 8: Aluno utilizando as pranchas de rotina e temática em sala de aula



O uso da comunicação alternativa possibilitou um aumento na capacidade comunicativa do referido aluno, com melhora no interesse e na sua condição escolar, pois passou a interagir melhor com os colegas, e a expressar-se diante das situações no contexto de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola caracteriza-se como principal espaço para as trocas sociais do aluno. Sendo assim, neste estudo, buscaram-se novas metodologias através da utilização da comunicação alternativa, tendo em vista maior interação entre os alunos e a comunidade escolar, num trabalho conjunto com a equipe pedagógica, favorecendo a aprendizagem.

Vale ressaltar o papel do professor neste processo como mediador das práticas e das interações do aluno com seus pares, bem como da necessidade de realização de adaptações curriculares.

Com este trabalho fica evidente a importância do professor como referência para o aluno e a gratificação de vivenciar um olhar renovado na face do aluno quando ele percebe que é capaz de se expressar e interagir com os demais, desde que lhe dêem algumas condições e oportunidades diferenciadas.

No transcorrer do trabalho algumas dificuldades foram encontradas, como a de conciliar esta nova metodologia, juntamente com os demais alunos da turma que não necessitam da comunicação alternativa. Desta forma, evidencia-se que esta pesquisa não deve ser considerada como um fim, mas como o começo de um longo caminho de novos estudos para verificação da possibilidade de implantação e adoção das pranchas de comunicação em conjunto com os demais alunos da turma.

Apesar das dificuldades, o trabalho oportunizou a implementação da comunicação alternativa na escola, favoreceu a interação do aluno dentro do ambiente escolar e despertou o interesse de outros professores que se mostraram parceiros e dispostos a buscar mais transformações.

Este estudo só foi possível pela abertura da escola que concordou com a realização de um trabalho diferenciado, mas com o objetivo de favorecer e efetivar a participação do aluno no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BOBATH, K. **A deficiência motora em pacientes com paralisia cerebral**. Petrópolis: Vozes, 1969.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 292 p.

BRASIL, LEI 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamento e material pedagógico para a educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para a comunicação alternativa** [2.ed]. Brasília: MEC/Seesp, 2006.

CAPOVILLA, Fernando César (org). **Ciência cognitiva: teoria, pesquisa e aplicação** – V.1,n1 jan/jun.1997 – São Paulo, USP-IP,1997, p.31

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças**: Revista Nova Escola, maio 2005. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/inclusão/inclusão-no-brasil/Maria-teresa-egler-mantoan-424431.shtml> Acesso em 11/04/13 às 20:30h

NUNES, L. R. O. P. **Linguagem e Comunicação Alternativa: uma introdução**. In: NUNES, L.R.O.P. (Org.). Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. ONU, 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais**. Salamanca, Espanha 1994.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. **Grupo de Estudos Área da Deficiência Física Neuromotora. Conversando sobre comunicação alternativa.** 27/05/08.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional. **Grupo de Estudo Deficiência Física Neuromotora.** 03/10/09.

PELOSI, Miryam Bonadio. **O papel da comunicação alternativa e ampliada (CAA) na integração das crianças com necessidades educacionais especiais.** 2000. Cap. II, p.34-57. Tese (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. In: PELOSI, M. B. A comunicação alternativa e ampliada nas escolas do Rio de Janeiro: formação de professores e caracterização dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Disponível em: www.comunicacaoalternativa.com.br/adcaa/distrib/textos.asp

_____ **O papel do terapeuta ocupacional na tecnologia assistiva.** Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2005, vol.13 nº1

ROCHA, Luciana Barbosa. **Análise da intervenção domiciliar da terapia ocupacional em crianças com paralisia cerebral.** Universidade católica Dom Bosco. Campo Grande – MS, 2003.

Disponível em: [HTTP://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7818-analise-da-intervencao-domiciliar-da-terapia-ocupacional-em-criancas-com-paralisia-cerebral.pdf](http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7818-analise-da-intervencao-domiciliar-da-terapia-ocupacional-em-criancas-com-paralisia-cerebral.pdf)

Von Tetzchner, S.; Martinsen; H. **Introdução à Comunicação Aumentativa e Alternativa.** Portugal: Porto Editora, 2000, 287p.